

O SIMBÓLICO E SUAS MANIFESTAÇÕES: A TERRITORIALIDADE E A MEMÓRIA ARTICULADAS NO FILME NARRADORES DE JAVÉ

Leandro Oliveira de Menezes¹

Simone Santos de Oliveira²

Resumo

O debate territorial está longe de ter cessado, ou de ter alcançado uma unanimidade. Novos estudos sobre as questões territoriais são publicados frequentemente, apresentando discordâncias, complementações e favorecendo a ampliação das possibilidades de entendimento sobre o território, e aproximações com outras ciências, além da geográfica. Nesse sentido, o presente artigo se propõe a analisar a articulação da territorialidade e da memória no longa-metragem Narradores de Javé. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, tendo a análise fílmica como método de investigação. Concluiu-se que a dimensão simbólica dos territórios se manifesta nos contextos sociais de diferentes formas, a territorialidade e a memória são duas delas, e estão interligadas.

Palavras-chave: Territorialidade. Território. Memória. Narradores de Javé.

THE SYMBOLIC AND ITS MANIFESTATIONS: TERRITORIALITY AND MEMORY ARTICULATED IN THE FILM NARRATORS DE JAVÉ

Abstract

The territorial debate is far from having stopped, or having reached unanimity. New studies on territorial issues are published frequently, presenting disagreements, complements and favoring the expansion of the possibilities of understanding about the territory, and approximations with other sciences, besides geography. In this sense, this article aims to analyze the articulation of territoriality and memory in the feature film Narradores de Javé. It is a qualitative and descriptive research, using film analysis as an investigation method. This article concludes that the symbolic dimension of the territories manifest itself in social contexts in different ways, which territoriality and memory are two of them and are interconnected.

Keywords: Territoriality. Territory. Memory. Narradores de Javé.

¹ Mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). E-mail: 4menezes@gmail.com.

² Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br.

LO SIMBÓLICO Y SUS MANIFESTACIONES: TERRITORIALIDAD Y MEMORIA ARTICULADA EN LA PELÍCULA NARRADORES DE JAVÉ

Resumen

El debate territorial está lejos de cesar, o haber alcanzado la unanimidad. Nuevos estudios sobre las cuestiones territoriales se publican con frecuencia, están mostrando desacuerdos, complementos y favoreciendo la ampliación de las posibilidades de entendimiento sobre el territorio y aproximaciones con otras ciencias, que no sea geografía. En este sentido, este artículo tiene como objetivo analizar la articulación de territorialidad y memoria en el largometraje Narradores de Javé. Se trata de una investigación cualitativa y descriptiva, que utiliza el análisis cinematográfico como método de investigación. Se concluyó que la dimensión simbólica de los territorios se manifiesta en contextos sociales de diferentes formas, territorialidad y memoria son dos de ellas, y están interconectadas.

Palabras clave: Territorialidad. Territorio. Memoria. Narradores de Javé.

INTRODUÇÃO

As discussões territoriais estão presentes em diversas publicações, amparadas por diferentes campos do saber, entretanto, é na ciência geográfica, sem sombra de dúvidas, que o termo ganha maior amplitude conceitual. Pode-se dizer que território é um dos importantes conceitos-chave e uma das categorias de análise espacial fundantes da Geografia, o que se traduz por uma profunda e extensa produção sobre o tema, dentro e fora do Brasil.

Este alargamento conceitual decorre de um amplo e histórico processo de embates teóricos, em que autores passaram a se debruçar sobre a temática e publicizar suas compreensões e discordâncias de estudos anteriores. Dessa forma, outras possibilidades de ver as questões territoriais foram ganhando espaço e termos como territorialidade, territórios-rede e identidade territorial passaram a fazer parte deste conjunto temático.

A territorialidade, por exemplo, pressupõe um olhar sobre o território que vai de encontro à concepção apenas material deste. Ela tem muito a ver com questões imateriais, simbólicas e relacionais, produzidas historicamente e mantidas pelas memórias e práticas individuais e coletivas. Portanto, este estudo partiu do seguinte questionamento: como a territorialidade e a memória estão articuladas no filme Narradores de Javé?

Tal proposta se justifica pela necessidade que se impõe em transpor as discussões teóricas para exemplificações, apesar de já ser uma temática que perpassa a vida de todas as

sociedades em suas mais diferentes épocas. Esse é um esforço necessário, na medida em que as produções acadêmicas devem interferir na forma como os indivíduos veem seus contextos. É também importante a existência de estudos que aproximem conceitos afastados por suas áreas de estudo, como é o caso do território e da memória.

Nesse sentido, o principal objetivo almejado, neste texto, é analisar a articulação da territorialidade e da memória no filme *Narradores de Javé*. Decorre deste, outros objetivos como: compreender questões sobre territorialidade a partir de algumas cenas do referido filme; contribuir com as discussões territoriais; evidenciar a aproximação entre os conceitos de territorialidade e de memória a partir da película fílmica.

Metodologicamente esta pesquisa se orienta por uma abordagem qualitativa e descritiva, tendo a análise fílmica como método de investigação. O filme *Narradores de Javé* foi utilizado, neste caso, como fonte dos dados, por ser um longa-metragem emblemático do cenário nacional, extensamente premiado dentro e fora do país, por seu roteiro, direção, fotografia, atuação dos atores e outros aspectos e, sobretudo, por ser uma linguagem em movimento composto por um conjunto de elementos, como imagens que compõem o cenário e o enredo que possibilitam aguçar a memória de quem o assiste e promove reflexões e articulações temáticas, possíveis de serem utilizadas para compreender certos conceitos e temas de diferentes áreas do conhecimento, como de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como de História e de Geografia, por exemplo. Para além disso, é um filme que apresenta um drama vivido pelos moradores de uma cidade fictícia, em formato de comédia.

O artigo está dividido em seis seções. A primeira delas é a ‘introdução’ que, além de contextualizar a temática, apresenta o problema, os objetivos e a escolha metodológica. A segunda seção é composta pelo referencial teórico, nomeada como ‘um breve olhar sobre o território’, na qual são apresentados alguns autores que ajudam demarcar uma concepção de território e seus congêneres. A terceira seção é ‘a trilha que envolve esta escrita: o viés metodológico’, onde estão referenciadas cada uma das escolhas de investigação e a análise realizada. A quarta seção é intitulada ‘apurando o olhar para compreender conceitos e conjecturas’, onde são feitas análises do filme a partir da aproximação com o referencial teórico, contendo os tópicos: ‘Narradores de Javé: descrição técnica e sinopse’, ‘A territorialidade em Javé’, e ‘Memória em disputa’. No final estão as ‘considerações finais’, acompanhadas pelas ‘referências’, contendo os autores e suas respectivas obras que ajudaram a escrever este texto.

UM BREVE OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO

Há entendimentos diferentes sobre o território, e seus congêneres, variando desde concepções mais materiais àquelas predominantemente simbólicas. Haesbaert (2004; 2008), identificou que há variantes conceituais que colocam o território numa perspectiva mais fixa, material, funcional à outras, cujo simbolismo, flexibilidade e fluidez são mais evidentes; sob outro aspecto há entendimentos que evidenciam a dimensão política, e/ou econômica, e/ou social, e/ou cultural, e/ou natural. Contudo, apesar do espectro de possibilidades de conceituar território, falar em territorialidade, por si só, já é assumir um caráter simbólico e relacional associado ao território.

É importante esclarecer que espaço e território, apesar de relacionados, não são iguais. O espaço antecede o território. Nesse sentido, Raffestin (1993) propõe pensar o território como produto da apropriação de indivíduos/grupos sobre o espaço. Fica explícito, e implícito, em Raffestin (1993), que os territórios são consequência da intencionalidade humana que, ao projetar as relações de poder no espaço, produzem os territórios. Este processo determina a inclusão e a exclusão de pessoas quanto ao usufruto do território e do que há nele.

A dominação/apropriação de indivíduos/grupos em determinado espaço, requer esforço constante para que as imposições ali existentes sejam percebidas, sentidas e respeitadas (SACK, 2011). Às ações que envolvem estes esforços, denomina-se territorialidade. Em outras palavras, ela pode ser entendida como “a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica. Essa área será chamada de território” (SACK, 2011, p. 76).

Tanto em Raffestin (1993), quanto em Sack (2011), a compreensão sobre a territorialidade pressupõe que ela é decorrente das relações sociais demarcadas pelo poder; que mantém a existência dos territórios; que depende de processos de comunicação para que seja entendida; que é utilizada para controlar recursos e pessoas; e pode ser imposta e/ou deposta a qualquer momento por aqueles que exercem a territorialidade. A territorialidade surge no contexto das relações de poder, e, portanto, é sentida em diferentes contextos e escalas (RAFFESTIN, 1993; SACK, 2011).

Souza (2000) também considera a formação dos territórios a partir da presença das relações de poder nos espaços que o definem e delimitam-no. Este autor compreende que o poder está presente em todas as relações sociais e, por consequência, “o território está,

outrossim, presente em toda espacialidade social” (SOUZA, 2000, p. 96). Por esta razão, conceitua-o como “[...] um campo de forças, as *relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte sobre um substrato referencial*” (SOUZA, 2000, p. 97, *grifos do autor*). Defende que os territórios perpassam diferentes escalas e temporalidades, apresentando-se em superposição, possibilitando que coexistam territorialidades conflitantes (SOUZA, 2000). Apesar de identificar outras dimensões, para Souza (2008), é a dimensão política – o poder – que define o território; assim como defende que, apesar do referencial material, é em si intangível.

Haesbaert (2004) propõe direcionar o olhar ao que denomina de fenômeno da multiterritorialidade. Este, em certa medida, sempre existiu, mas ganhou contornos mais complexos na pós-modernidade, sobretudo para os que podem usufruir das facilidades apresentadas pela globalização. Tal proposição deve-se ao fato deste autor discordar que a humanidade caminha rumo ao fim dos territórios, como consequência das facilidades em se transpor as barreiras dos limites espaciais do Estado-nação e a virtualização das relações.

A desterritorialização existe em sentido micro, enquanto fenômeno que representa o descolamento de indivíduos ou grupos de determinado território. Contudo, estamos vinculados e vivenciamos diferentes territórios, sobrepostos, conectados por redes, podendo ser conflitantes, o que nos coloca diante dos múltiplos territórios, mas, principalmente, diante da multiterritorialidade e toda sua pregnância identitária (HAESBAERT, 2004).

Haesbaert (2004), considera que a apreensão do que seja a multiterritorialidade só estará acessível na medida em que for considerado seus aspectos multiescalar, multidimensional e atrelada às relações de poder.

A multiescalaridade fica evidenciada pela coexistência, relação e sobreposição dos territórios. Compreendendo desde os territórios demarcados em certos cômodos de uma casa, ou mesmo sobre objetos, que foi bem discutido por Sack (2011), àqueles referentes aos Estados nacionais ou mesmo sobre o planeta Terra, ou sobre a ideia de disposição espacial, em uma aproximação com o que Raffestin (1993) sinalizou.

O aspecto da multidimensionalidade faz referência tanto a coexistência das dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais, quanto da questão da materialidade e do simbolismo. Todos os autores citados anteriormente neste texto, apesar de suas singularidades, coadunam com a ideia de que são as relações de poder, que é um dos aspectos da multiterritorialidade, que produzem, sustentam e acabam os territórios, o que confere à dimensão política maior

preponderância, mas não nega a interrelação com as outras dimensões, pelo contrário, parte do pressuposto de que sempre estão conectadas.

Haesbaert (2004; 2008) refuta a ideia de que existe uma dicotomia entre a materialidade e a imaterialidade dos territórios. Em sua visão, há sempre uma materialidade imposta, uma espacialidade, mas é o simbólico que ganha destaque, pois é sobre ele que se assenta a territorialidade e, por consequência, os sentimentos de pertencimento e de exclusão, as questões identitárias e o poder presente nas relações sociais.

Olhando por outro ângulo, é possível pensar uma “abordagem histórica, relacional e multidimensional-híbrida do território e da territorialidade” (SAQUET, 2008, p. 73-74). Para este autor, são as relações espaço-temporais, a relação ideia-matéria, a heterogeneidade e a síntese dialética que contribuem para um melhor entendimento sobre o tema.

Saquet (2008) traz à baila da discussão a construção coletiva dos territórios e dá ênfase na temporalidade presente. “A territorialidade, dessa forma, significa as relações sociais simétricas ou dessimétricas que produzem historicamente cada território” (SAQUET, 2008, p. 79). Contudo, defende, em acordo com Haesbaert (2004), apesar de não o citar em seu texto, a multidimensionalidade, a existência das redes, a sobreposição e as múltiplas territorialidades. Sobre esta questão, afirma que a sociedade está exposta a uma grande variedade de territorialidades e temporalidades, que possibilitam a desterritorialização e a reterritorialização a todo instante, “[...] que gera sempre *novas* territorialidades e *novos* territórios que contêm traços/características dos *velhos* territórios e territorialidades” (SAQUET, 2008, p. 82, grifos do autor).

Muito mais produtivo que procurar e evidenciar as discordâncias de cada um destes autores é o processo de chegar a uma síntese de suas ideias, de modo a auxiliar a leitura do território e da territorialidade em diferentes contextos, sob uma perspectiva mais ampla. Parece-nos pertinente, neste sentido, pensar a territorialidade a partir de quatro elementos: a multiescalaridade; a multidimensionalidade; as relações de poder e; a temporalidade. Dessa forma, ampliam-se as possibilidades de reconhecer a (co)existência e a gênese de territorialidades em diferentes contextos sociais, espaciais e temporais.

Território e memória: uma articulação possível

A memória ainda é um conceito pouco explorado pelos estudos sobre o território e seus derivativos. Contudo, sua relevância para a compreensão destas temáticas é enorme, sobretudo

nas produções que consideram que há uma maior importância da dimensão simbólica.

Em Raffestin (1993), por exemplo, é possível localizar, ao menos, duas proposições que vinculam memória e território. A primeira faz referência às relações de poder, pois estas se apresentam, em sua complexidade, nas práticas sociais. E “uma prática não é estável; evolui, ao mesmo tempo, no espaço e no tempo” (RAFFESTIN, 1993, p. 224). Significando, portanto, que estas recorrem a conhecimentos anteriormente acumulados ou dos que resultam da ação, sempre registrados na memória.

Existe aproximação do uso do termo com o conceito apresentado por Le Goff (2013) quando o descreve “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2013, p. 387). A memória, neste sentido, e na proposição feita em Raffestin (1993), pode atuar como mantenedora da reprodução de certas práticas sociais, contribuindo, em certa medida, com a conformação dos papéis sociais, mas é, também, possível que as práticas guardadas afetivamente nas memórias individuais e coletiva de um passado de lutas, de embates e confrontos à ordem, possibilite tensões nos territórios.

Ainda neste sentido, é possível pensar no uso da memória e dos esquecimentos por indivíduos/grupos como parte dos esforços de manter um território, ou seja, a territorialidade sendo exercida, tendo em vista que “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 2013, p. 390). Halbwachs (1990), aponta que na disputa de narrativas alguns indivíduos são levados a absorver algumas sugestões externas, de tal modo que não reconheçam mais a fonte primeira da lembrança, o que lhes faz pensar que são memórias individuais. “É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos com mais frequência nos passam despercebidas” (HALBWACHS, 1990, p. 47).

A segunda proposição, defendida por Raffestin (2003, *apud* SAQUET, 2008), tem relação com um dos tipos/características do território. Para ele, é possível ver, como distintos e complementares, o território do cotidiano – marcado pelas reações das pessoas com os lugares; o território das trocas – onde há a articulação entre as escalas, as temporalidades e espacialidades; o território de referência – tem a ver com as questões históricas e imaginárias – e o território sagrado – campos de força marcados pela influência das igrejas.

Contudo, é o território de referência que externa, de forma mais explícita, a relação com a memória, pois “É o território a que se habitou ou se conhece através de leituras e lembranças, que podem ser afetivas ou conflituosas” (RAFFESTIN, 2003 *apud* SAQUET, 2008, p. 86). Esta característica referencial apontada pelo autor, considera certa articulação entre a memória individual e a coletiva.

Para Halbwachs (1990) os indivíduos ao viverem em grupo possuem suas memórias individuais emaranhadas pelas memórias coletivas. As primeiras, para este autor, são um ponto de vista de vista sobre as segundas, e que este ponto de vista se modifica a depender do lugar que ocupo e das relações que estabeleço. “Nossa memória não é uma tábula rasa” (HALBWACHS, 1990, p. 28), é um conjunto de imagens que reproduzem bem ou mal o passado, com lembranças reais e/ou fictícias que podem ser corrigidas ou reorientadas a partir de depoimentos de indivíduos do mesmo grupo, do mesmo modo que a narrativa individual pode afetar a coletiva (HALBWACHS, 1990).

Já Pollak (1989) propõe perceber que há um processo de negociação – a memória em disputa – que tenta conciliar estes dois tipos. Isto por que, para este autor:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 9).

Este excerto de Pollak (1989) explica o território de referência, na medida em que as coletividades aqui citadas são espacializadas, criadas e mantidas por relações de poder, ao longo do tempo, e podendo ser compreendidas em suas diferentes dimensões. É, portanto, alusão às identidades territoriais, como sendo as diversas identificações que propiciam uma compreensão sobre si mesmos, vinculados aos territórios e que recorre a dois elementos importantes: pertencimento e diferença (HAESBAERT, 1999).

A TRILHA QUE ENVOLVE ESTA ESCRITA: O VIÉS METODOLÓGICO

As escolhas metodológicas interferem diretamente na compreensão do pesquisador e, por consequência, dos leitores, sobre o tema estudado. Tal afirmação já pressupõe que, apesar dos cuidados científicos, este artigo não parte do paradigma positivista que visa a neutralidade,

a separação entre sujeito e objeto. Pelo contrário, organiza-se sob uma abordagem qualitativa que pressupõe dar espaço à subjetividade das fontes e do pesquisador. A este respeito, Gil (2008) afirma que:

ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador (GIL, 2008, p. 175).

Este tipo de pesquisa se diferencia em muitos aspectos das pesquisas quantitativas, seja por não prescindir de definições amostrais estatisticamente calculadas, seja por não reduzir as análises a organizações numéricas dos dados. Portanto, na abordagem qualitativa os processos de contato, organização, categorização, análise e apresentação dos dados visa compreender uma realidade social em sua complexidade. Por essa razão faz-se necessário a adoção de um método que possibilite ter contato com camadas mais profundas da subjetividade das relações sociais (BAUER; AARTS, 2007).

Para além de ser uma investigação qualitativa, considera-se este um estudo descritivo, tendo em vista que “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). É, também, um tipo de pesquisa documental, considerando que o estudo se dedicou à exploração do filme ‘Narradores de Javé’, na busca por analisar a articulação da territorialidade e da memória presente no roteiro fílmico. A pesquisa documental caracteriza-se como um tipo de estudo que “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 51).

Outro aspecto que coloca este artigo em confronto direto aos pressupostos positivistas é quanto ao uso da análise fílmica, enquanto método de pesquisa, na busca por estudar eventos e processos históricos de uma dada sociedade. Recorreu-se ao filme Narradores de Javé, como fonte, pois compreendemos que ele apresenta elementos que contribuem para análises territoriais. Apesar de ser desafiadora, a adoção deste tipo de fonte, os filmes, sempre possuem “[...] significativo valor de testemunho indireto e involuntário de um evento ou processo histórico” (OLIVEIRA, 2017, p. 2), o que contribui para o entendimento de fatos, fenômenos e temáticas.

Para Gil (2008), os filmes, quando utilizados como fontes de pesquisa, caracterizam-se como documentos de primeira mão, ou seja, que não são produtos de análises anteriores, como os relatórios de empresas, por exemplo.

Não existe um modelo fixo quanto à adoção da forma de proceder uma análise fílmica, contudo, Oliveira (2017) sugere duas etapas: uma primeira, que ele denomina de decomposição, onde são extraídos elementos de som e imagem; e uma segunda, que “[...] consiste na crítica, em que se avalia o filme e lhe são atribuídos juízos de valor, bem como é determinado o seu contributo para a discussão de um tema específico, a sua cinematografia, contexto, conteúdo, discurso, estética, representação e verdade” (OLIVEIRA, 2017, p. 4).

Tal proposta possui similaridade com a divisão em três etapas para pesquisas qualitativas citadas por Gil (2008). Para este autor, neste tipo de pesquisa normalmente segue-se a etapa da redução dos dados que corresponde ao processo de seleção e categorização; da apresentação que envolve a organização dos dados que favoreça a análise sistemática; e da conclusão/verificação que abrange a elaboração das conclusões a partir dos significados dos dados (GIL, 2008).

Durante a primeira etapa, após a apreciação do filme em diferentes momentos, foi realizada a seleção de cenas a partir da identificação de questões territoriais explícitas ou implícitas; na segunda etapa, as cenas escolhidas foram agrupadas em subtemas; e na terceira, foram analisadas com base no referencial teórico, de modo a aproximar as situações vivenciadas pelos personagens do filme com as discussões sobre o território e suas derivações e a memória.

Importa destacar que a análise fílmica sempre é fruto de uma leitura pessoal, momentânea e provisória, pois ela está alicerçada na “[...] visão e posição no mundo social e capital cultural acumulado” (OLIVEIRA, 2017, p. 6) do pesquisador.

APURANDO O OLHAR PARA COMPREENDER CONCEITOS E CONJECTURAS

Narradores de Javé: descrição técnica³ e sinopse

O filme *Narradores de Javé* é uma obra de ficção, de 2003, gravado em 35mm, com duração de 100 minutos. É uma comédia com dupla nacionalidade, Brasil e França. O roteiro é de Luis Alberto de Abreu e de Eliane Caffé que também assumiu a função de direção. A

³ Os principais dados obtidos para esta subseção foram extraídos do site http://www.elianecaffe.com/narradores_de_jave.html. Acesso em: 20 jul. 2020.

fotografia é de Hugo Kovensky e a trilha sonora é da Orquestra Santa Massa e DJ Dolores. É uma produção da Bananeiras Filmes e Gullane Filmes. Em seu elenco, destacam-se os atores: José Dumont (personagem: Antônio Biá); Nelson Xavier (personagem: Zaqueu); Luci Pereira (personagens: Deodora e Maria Dina); Matheus Nachtergaele (personagem: Souza); Rui Rezende (personagem: Vado); Gero Camilo (personagem: Firmino), entre outros.

Vale a pena destacar que a roteirista e diretora Eliane Caffé possui em sua filmografia longa-metragens, ficções, documentários que lhe possibilitaram participar de diversos eventos ligados ao cinema, contabilizando uma grande quantidade de prêmios conquistados. Alguns exemplos de sua produção são: **Era o Hotel Cambridge** (longa-metragem de ficção, 110', 2016); **O sol do meio dia** (longa-metragem de ficção, 110', 35 mm); **Kenoma** (ficção, 35mm, 100', 1998); **Caligrama** (documentário, 35mm, 30', 1995); e **Arabesco** (ficção, 35 mm, 15', 1990).

Narradores de Javé tornou-se uma produção premiada em muitos aspectos: **melhor longa** (Festival de Cinema *des 3 Ameriques*, Quebec / Canadá, em 2004); **melhor filme** (Festival *Un Cine de Punta*, Punta del Leste / Uruguai, em 2004 - 30º Festival Internacional do Filme Independente de Bruxelas - Festival Internacional Um Cine de Punta / Punta Del Leste, em 2004 - *Federation Internationale de la presse cinematographique*, Friburgo/ Suíça, em 2003 - Festival Internacional do Rio de Janeiro / Brasil, em 2003 - Cine PE – Festival do Audiovisual, em 2003 - 3º Ecocine – Festival Nacional de cinema e vídeo ambiental); **melhor direção** (Cine PE – Festival do Audiovisual, em 2003 - Prêmio da Crítica – CINESESC/2005); **melhor roteiro** (30º Festival Internacional do Filme Independente de Bruxelas - Prêmio APCA /2005 - Prêmio TAM do Cinema Brasileiro – 2005), **melhor ator** (Festival Internacional do Rio de Janeiro / Brasil, em 2003). Acrescenta-se a esta lista outros tantos prêmios, menções honrosas e participações em festivais.

Apesar de sua pujante força cinematográfica, o filme não rendeu comercialmente, como aponta Eliane Caffé, em entrevista concedida à revista Carta Maior, em 2004. E para ela, isto se deve ao fato de o filme não se enquadrar nos modelos buscados pela indústria cinematográfica, não ter entrado sistematicamente com *inserts* na TV, pois são muito caros e por ter que competir com outros longas que são indicados ao Oscar (CAFFÉ, 2004).

O filme foi gravado na cidade baiana de Gameleira e se estrutura em três caixas, como Eliane Caffé anuncia, na mesma entrevista, citada anteriormente. A primeira, trata-se do tempo real, marcado pela narração feita por Zaqueu no bar de Souza; a segunda seria a história narrada

por ele; e a terceira corresponde às histórias contadas pelos personagens sobre a chegada do povo de Javé naquela localidade (CAFFÉ, 2004).

O filme conta a história fictícia da cidade de Javé e a tentativa de seus moradores por barrar a construção de uma hidroelétrica. A consequência desta obra seria a inundação da cidade e a saída de seus moradores para outros lugares, o que, de fato, ocorreu, atestado nas cenas finais. Os habitantes tiveram a ideia de provar que Javé era um local importante, um patrimônio que deveria ser preservado, através da produção de um livro contando a história de fundação da cidade. Nesse caso, outra problemática surge, pois, trata-se de uma comunidade não alfabetizada, ficando a cargo de um ex-funcionário do Correio – expulso da cidade por criar e espalhar, através de cartas, difamações e calúnias sobre as pessoas do local, com o intuito de aumentar o fluxo de postagem e, dessa forma, manter seu emprego; o que deu certo, até ser descoberto e condenado pelos moradores a viver fora da cidade.

Antônio Biá, este escrivão, passa a visitar moradores e ouvir as histórias de como a cidade surgiu. As narrativas dos moradores são ricas em exaltação do povo original, enquanto corajosos e guerreiros e de um pertencimento genético com estes fundadores, entretanto, com muitos elementos discrepantes entre elas. A hercúlea tarefa a que Biá ficou incumbido não foi concluída, pelo motivo de que as memórias individuais são em alguns aspectos contraditórias, diferentes, mantendo apenas algumas referências em comum. O esforço não alcança o êxito e a cidade sucumbe às águas, forçando a retirada das pessoas daquele lugar.

Nas cenas finais vê-se, por um lado, a tristeza de quem precisou abandonar suas casas e não poder fazer nada contra isso, mas, por outro, a força daquela gente que ruma para outro espaço, de modo a reconstruir suas vidas e relações.

A territorialidade em Javé

A proposição de uma análise da territorialidade que seja multiescalar, multidimensional, criada e mantida pelas relações de poder, fruto de processos históricos, requer um olhar cuidadoso sobre as cenas, naquilo que elas apresentam explicitamente e nas deduções possíveis de serem feitas pelo enredo apresentado. Portanto, os tópicos abaixo são uma tentativa didática para melhor expor algumas dessas características da territorialidade, mas estas não são separadas no contexto vivido.

Sobreposição de territórios

Em todo o longa-metragem é possível destacar aspectos de coexistência e sobreposição de territórios. Para exemplificar, utilizar-se-á de algumas cenas que envolvem alguns dos principais personagens como Antônio Biá⁴, Deodora⁵ e Zaqueu⁶, tendo clareza de que estas não são as únicas.

A história se passa na cidade de Javé e apesar de não ter indicações explícitas sobre a presença do poder público municipal, sabe-se que ele se faz presente com suas implicações normativas, seu aparato de serviços públicos e o sentimento de pertença presente nos moradores. O que também é verdade que coexiste, no mesmo substrato material, a presença da territorialidade impetrada pela legislação estadual e, como fica explícito, com a imposição da retirada das pessoas daquela localidade, pois a decisão pela construção de uma hidroelétrica, independente das pessoas que ali habitavam e, talvez, em contradição com os objetivos municipais, demonstra uma relação dessimétrica que controla aquele espaço. Ainda assim, há a presença do Estado nacional e, por conseguinte, as implicações que isso significa. O posto dos Correios, por exemplo, desempenhava ali uma atividade controlada pelo poder público federal.

Estes territórios – municipal, estadual e federal – estão demarcados fisicamente no espaço, com limites bem definidos, entretanto, estes foram se modificando ao longo do tempo. Basta conhecer um pouco da história do Brasil para lembrar que a formação do território nacional é fruto de um longo processo histórico que impactou não só nas delimitações atuais deste país e de outros com os quais faz fronteira, que ainda são passíveis de sofrer alterações, como a concepção de governança, quanto impactou na criação dos estados e dos municípios.

Outros territórios presentes na história são os das residências que possuem suas próprias regras de organização e de utilização dos objetos e espaços. Na cena, por exemplo, que Antônio Biá vai até a casa de Deodora e esta, de início não permite sua entrada, em outras palavras, evidencia a territorialidade sendo exercida. Contudo, Biá, com sua esperteza, utiliza dos jogos de poder para reverter a situação e Deodora permite fisicamente que ele e os demais que o

⁴ Personagem vivido pelo ator José Dumont que representa o único adulto alfabetizado da comunidade de Javé. É o carteiro da Vila.

⁵ Personagem vivido pela atriz Luci Pereira que representa uma das moradoras que conta a história da fundação de Javé.

⁶ Personagem vivido pelo ator Nelson Xavier que representa o articulador entre Javé e os demais municípios, é também uma liderança na localidade. É um caixeiro viajante.

acompanhavam entrem em sua residência, mas vai além, permite que ele, simbolicamente, usufrua de seu território, quando narra sua versão familiar da história de Javé.

Território este carregado de memórias e que, de algum modo, coexistia com um território mais amplo, o da própria Javé. Não no sentido do poder municipal, mas no sentido de lhe pertencer, por sua relação familiar com o povo fundador. E, nesse caso, o território a que ela projeta seus sentimentos e memórias, antecede o próprio território do poder público municipal.

Poder-se-á dizer que Deodora está espacialmente em uma materialidade, convivendo em múltiplos territórios e estes, com seus esforços de controle, impactam suas ações, escolhas, formas de pensar e ver o mundo. Em alguns deles é ela quem exerce a territorialidade, em outros, sobre ela é exercida.

No caso de Zaqueu, ele ainda perpassa por outras territorialidades, pois como tem por ofício a ‘venda de miudezas’, sendo um ‘caixeiro viajante’, expressões não mais usadas na atualidade, compra artigos em cidades de portes maiores que a sua e volta para revender. Seus trajetos, transações comerciais, vivência em outras cidades lhe coloca na condição de estar perpassado por outros tantos territórios.

Territorialização e desterritorialização

O processo de vinculação das pessoas aos territórios é uma consequência da territorialidade, dos esforços empreendidos cotidianamente para comunicar e impor limites, regras, pertencimento e funções sociais. Diz-se territorialização quando a territorialidade alcançou êxito nesta ligação e submissão de indivíduos e grupos à territorialidade; depreende-se, nesse sentido, que a desterritorialização trata-se da desvinculação, seja de origem pessoal por não aceitar o que a territorialidade exige, seja pela exclusão feita por aqueles que detém o poder sobre o território.

As histórias contadas e recontadas pelos moradores de Javé, apesar de suas diferenças, apresentam um cenário de um povo que foi expulso, ou que saíram em retirada, de suas terras de origem, devido a uma guerra. Ao mesmo tempo que este povo foi desterritorializado, em alguma medida, havia um território, em sua acepção simbólica e referencial que acompanhou esse mesmo povo e foi se sedimentar em outro espaço, o Vale de Javé.

Aquele grupo de pessoas que chegou em Javé e cantou as divisas já trazia laços de pertencimento, relações sociais implicadas pelo poder, historicamente construídas. Indalécio

e/ou Maria Dina⁷ como líderes que direcionaram aquelas pessoas desfrutavam de certo destaque no grupo, o que lhes conferiam poder para impor/propor ações/regras. Isto é também a presença da territorialidade.

Voltando o olhar para o momento da construção da hidroelétrica, novamente o povo de Javé é expulso de suas terras. É evidente que os impactos sociais existiram, sobretudo nos elementos materiais que vinculavam memória e identidade. A igreja, os restos mortais de familiares enterrados no cemitério, as casas e ruas, todos estes elementos compõem um cenário que produzia/mantinha a relação das pessoas com aquele lugar, as identificações territoriais.

Um outro exemplo, Antônio Biá, que havia sido expulso da cidade – desterritorialização – como sanção imposta pelos moradores em decorrência dos problemas que causou inventando suas mentiras e espalhando-as em cartas para salvar seu emprego, é reterritorializado posteriormente para que escute e reúna, em um livro, as histórias de fundação do Vale do Javé. Como ele não consegue o intento, é mais uma vez desterritorializado, não lhe sendo permitido desfrutar dos contextos sociais vividos pelos demais habitantes. Contudo, no final do filme há a indicação de que ele pode ser mais uma vez reterritorializado.

Recorrendo a uma cena mais específica, observa-se um outro grupo que foi desterritorializado e precisou se reconstruir em nova espacialidade, produzindo novos territórios, presente na cena em que Biá vai com Samuel⁸ até um povoado. Referimo-nos aos africanos escravizados, retirados à força de suas terras e trazidos ao Brasil, e que, por algum motivo, não explícito no filme, que parece ser a fuga das senzalas para fundação de quilombos, se reterritorializou em um novo espaço, sob novos limites e relações de poder.

As relações de poder constroem territorialidades

Todas as cenas trazidas à análise nos outros tópicos anteriores, poderiam, sem sombra de dúvidas, estar neste também, pois em essência, a formação territorial é oriunda das relações sociais simétricas e dessimétricas – das relações de poder. Contudo, no intuito de que haja uma visualização dos territórios em suas diversas dimensões as cenas escolhidas, neste tópico, representam de modo menos material como as relações de poder constroem territórios.

⁷ Outro personagem dramatizado pela atriz Luci Pereira que assume características diferentes em cada versão contada pelos demais personagens. É uma das fundadoras de Javé.

⁸ Personagem vivido pelo ator Maurício Tizumba que representa um morador que vivencia as relações da cidade e de uma comunidade tradicional de característica quilombola.

Nesse sentido, é possível falar que Zaqueu exerce poder sobre os presentes no bar de Souza⁹, quando conta a história do Vale de Javé. Toda sua destreza na narrativa, escolhendo os elementos que deseja contar, a sequência dos fatos, variando entre a comédia e o drama, produz um efeito sobre aqueles que pararam para lhe ouvir. E, à medida em que são levados, em sua imaginação, à Javé, estão sobre um certo tipo de territorialidade projetada por Zaqueu que passa a controlar suas emoções e necessidades. Os personagens presentes no bar, exceto a mãe de Souza, que está afastada, aprendendo a escrever, vivenciam o surgimento de um território flexível, produzido pela história, dentro de um outro território mais materializado e fixo, o próprio bar.

Esta possibilidade de enxergar territórios também está presente nas demais narrações apresentadas dentro da história de Zaqueu, como a verbalizada por Deodora, ou a de Firmino¹⁰, ou a dos gêmeos. Em todos estes casos, aquele que conta possui o controle sobre o enredo e desdobramentos.

As relações de poder estão dispostas em toda relação social e evidencia-se de diferentes modos. O próprio domínio que Biá possui sobre a possível escrita da ‘grande história de Javé’ é um outro exemplo. Como se trata de uma sociedade não alfabetizada, poucos possuem as competências da leitura e escrita. Portanto, ter esta habilidade já confere poder. Para além disso, a escrita do livro é um último recurso para que a população de Javé confronte a territorialidade ali imposta que sobrepõe os seus desejos de permanecer naquela localidade.

Este cenário, em que Biá possui as capacidades necessárias para realizar a reunião, em livro, das histórias ‘Javélicas’ e que é o fruto do seu trabalho que salvará a cidade, dá a ele poder de escolher o que e como reunir as memórias individuais e coletivas. É pertinente perceber que o livro, ou ao menos, a ideia dele, é um território, tendo Biá como aquele que exerce a territorialidade e os demais narradores e/ou moradores se submetem às escolhas dele, apesar de terem a intenção de suas narrativas serem vistas como verdades.

Memória em disputa

Trata-se de um rico roteiro, o que torna possível diversas discussões e análises. Não seria demais afirmar que “memória em disputa” poderia ser subtítulo deste filme pois fica

⁹ Personagem vivido pelo ator Matheus Nachtergaele que representa um adulto-jovem, dono de um bar, à beira de um rio, local onde se inicia a narração do personagem Zaqueu.

¹⁰ Personagem vivido pelo ator Gero Camilo que representa um dos moradores que tem a função de fiscalizar o trabalho de Biá.

evidente, nas cenas, o quanto as memórias individuais são carregadas de emoção, construídas na tentativa de um enredo linear, que garanta a ideia de importância, e legitimadas por pontos de referência, mas que sofre perdas na tentativa de construção de uma memória oficial.

Coube a Antônio Biá a função de registro das memórias, ou melhor, a função de produzir um documento ‘científico’ que apresentasse a grandeza de Javé, a partir das memórias individuais e coletivas. O que cabia a Biá era a difícil tarefa de ouvir memórias individuais e conciliá-las em torno de uma memória comum. Pollak (1989) já denunciava a dificuldade do intento tendo em vista que toda memória é seletiva e, ao mesmo tempo, vive a negociação de conciliar memória coletiva e memórias individuais. O próprio processo de narrar já coloca o sujeito narrador diante da complexa tarefa de organizar suas memórias em um contexto compreensível para quem ouve, mas de uma forma que lhe agrade, de um modo que apresente sua história como importante e que apresente elementos passíveis de comprovar sua versão.

A base comum que caberia a Biá identificar para facilitar sua produção se concretiza pela adoção dos pontos de referência. Estes são elementos presentes nas narrativas que estruturam a memória e a inserem na memória da coletividade (POLLAK, 1989). No filme, mesmo nas divergentes versões, alguns elementos são comuns, como: o surgimento da cidade a partir da chegada de um povo corajoso que só chegou ali devido a uma guerra; a presença de um sino que deu origem à primeira igreja; alguns personagens Indalécio e Maria Dina; dentre outros. É perceptível que apesar das divergências, nenhuma das versões se anulam completamente, justamente por possuírem estes elementos que aglutinam as pessoas fomentando o pertencimento, a coesão social e a construção de expressões identitárias territoriais.

Importa destacar que assim como alertava Halbwachs (1990), os indivíduos perdem de vista que as ditas memórias individuais são um desdobramento não apenas de lembranças do visto/vivido mas de sua vinculação aos grupos sociais que faz parte, o que lhes confere pontos de vista das memórias de uma determinada coletividade. Consequência também dos momentos de compartilhamento de depoimentos que foram confrontados dentro do próprio grupo, nesse sentido, por exemplo, é possível que qualquer um dos indivíduos/personagens do filme que contaram sua versão e ouviram as demais, ao serem convocados a narrar novamente, possam incluir/modificar trechos daquilo que seria a sua versão pessoal do passado, entendida aqui como memória individual.

Mas as dificuldades enfrentadas por Biá não foram apenas pelo que foi dito, mas também pelo que não foi. Os silêncios, os não-ditos, são estruturas a se considerar quando se quer compreender memórias. O “silêncio tem razões bastante complexas” (POLLAK, 1989, p. 6) e, de fato, as razões podem ser desde um processo inconsciente de negação de parte da história normalmente atrelada a situações traumáticas ou que causam desconforto, às perdas que a memória sofre com o passar do tempo por não estar materializada em uma escrita, um áudio, ou vídeo e aos processos conscientes de escolha do que deve ser dito, em que momento e para quem.

Na história de Javé, pelo fato de a comunidade não ser alfabetizada e pela rotina das pessoas já ter sido alterada pelas inovações da sociedade, o filme parece suscitar que os enredos foram sendo esquecidos, alterados e cada vez menos contados pelos moradores. O que acarreta perdas, conflitos de versões, equívocos de datas, lugares, nomes. Há uma base fixa nas histórias, assentada por pontos de referência, como tratado anteriormente, mas que não garante uma história intacta, o que de fato nunca existiu, pois a narração de um fato nunca será o fato em si, sempre será uma versão, pois perpassa pela subjetividade do observador.

Cada uma das versões contadas no filme é carregada de significado, num processo simbiótico entre o passado e o presente, pois os narradores se sentem descendentes diretos dos personagens principais de suas histórias. Portanto, seu corpo, sua história de vida legitimam sua versão e, por isso, se compreendem como ‘guardiões da verdade’. Não aceitam que o fato histórico (surgimento da cidade) seja contado de outra forma, pois só existiria uma verdade possível: aquela presente em sua narração.

Entretanto, apesar de defenderem suas versões, os moradores possuem uma compreensão de que sua oralidade é inferior ao texto escrito. A disputa por garantir que seja a sua versão aquela que será transcrita é a tentativa de sobrepor às demais versões, pois se está no livro é oficial e, se é oficial, é verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A territorialidade é condição imprescindível para a existência e manutenção dos territórios, pois mesmo tendo um aspecto material, é a imaterialidade e o simbolismo que vincula as pessoas a eles. Portanto, a multiterritorialidade, e sua compreensão prescinde da observação das múltiplas escalas, dimensões e temporalidades em que as relações de poder se fazem presentes.

Nesse sentido, o filme *Narradores de Javé* apresenta em seu enredo cenas e contextos possíveis de perceber as territorialidades e como elas estão articuladas com as memórias individuais e coletivas. Assim como outras informações são/estão registradas nas memórias, os símbolos, os limites e as imposições territoriais também estão.

O simbolismo que marca a compreensão territorial deste estudo se manifesta na vida dos indivíduos e dos grupos através de diversas manifestações. A territorialidade e a memória são dois exemplos, e estão estreitamente articuladas.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio par a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, Geogre (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 6^a ed., 2007, p. 39-63.

CAFFÉ, Eliane. **Entrevista Exclusiva - Eliane Caffé, diretora de Narradores de Javé**. Entrevista Concedida a Claudio Szynekier. Carta Maior. Fevereiro de 2004. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia-e-Redes-Sociais/Entrevista-Exclusiva-Eliane-Caffe-diretora-de-Narradores-de-Jave/12/6272>. Acesso em: 02 maio 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 94-120.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa. Uso de fontes fílmicas em pesquisas sócio históricas da área de saúde. **Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n. 4, 2017, p. 1-10.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2011.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 73-94.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

_____. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 57-72.

FILMOGRAFIA

ARABESCO. Direção: Eliane Caffé. Produção: Raiz. Brasil, 1990 (15 min.).

CALIGRAMA. Direção: Eliane Caffé. Produção: Cinematográfica Superfilmes. Brasil, 1995. (30 min.).

ERA O HOTEL CAMBRIDGE. Direção: Eliane Caffé. Produção: FLM; GRIST, Escola da Cidade; Aurora Filmes. Brasil, 2016. 1 DVD (110 min.).

KENOMA. Direção: Eliane Caffé. Produção: A. F. Cinema e Vídeo. Brasil, 1998. 1 DVD (100 min.).

NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Caffé. Produção: Bananeira Filmes; Gullane Filmes; Laterit Productions. Brasil/França, 2004. 1 DVD (100 min.).

O SOL DO MEIO DIA. Direção: Eliane Caffé. Produção: Van Fresnot. Brasil, 2009. 1 DVD (110 min.).

Recebido em 11 de maio de 2021

Aprovado em 05 de março de 2022

Publicado em 18 de março de 2022